

grande espaço social de convivência daqueles que são sistematicamente desumanizados pelo trabalho, pelo isolamento e por suas condições de existência." (Haddad, 1991:166).

O que também fica explicitado na fala dos sujeitos de nossa pesquisa é que os métodos de ensino têm tido uma forte influência na permanência do aluno na escola. A utilização de métodos adequados numa educação, dentro de uma perspectiva popular que atenda aos reais interesses dos trabalhadores, constitui-se um fator decisivo na condução de todo esse processo educativo. Vejamos a fala a seguir:

"Na Escola Zé Peão é do jeito das ôtra escola também. Hoje em dia ninguém mais, escola nenhuma mais ensina assuletrano, ensina assim mermo, por exemplo, a professora fai, a professora di, igual a essa daí mermo, ela di ói isso é um e, isso é um n, isso é um t, isso um r, isso um e, isso é um v, isso é um i, isso é um s, isso um t, isso é um a, a professora diz, entendeu? Quando ela vê que o aluno não tá, bem entendido, nas palavra ela diz. Já de premero era diferente, en-tre-vis-ta, a professora já, nera, hoje em dia é diferente mais, ela mostra as letra, e o camarada se interessa melhó." (Antônio, 40, servente).

Arroyo faz algumas considerações que achamos pertinente:

"Não será possível ensinar para a participação, desalienação e libertação de classe com os mesmos livros didáticos, a mesma estrutura e a mesma relação pedagógica com que se ensinaram a ignorância e a submissão de classe." (Arroyo, 1986:20).

No que se refere ao método utilizado no processo de alfabetização com os trabalhadores da construção civil, ficou evidenciado pelo operário, em suas palavras, a preocupação por parte da Escola em apresentar um método que envolva os trabalhadores-alunos, à medida que os mesmos têm a noção de todo o processo do

conhecimento, facilitando a sua compreensão, e lhes de acesso à leitura de textos. Sobre

o método, Ireland afirma:

"Na verdade, o que vivemos, hoje, é uma fase de transição de modelos, onde as 'práticas analíticas' mais recentes estão desestabilizando as práticas docentes costumeiras. Essas práticas docentes, por sua vez, são bastante heterogêneas já por natureza: encontramos no 'mercado da alfabetização' uma multiplicidade de propostas, experiências, materiais didáticos, métodos, que aos poucos vão sendo pesquisados, explicitados, questionados, modificados." (Ireland, 1993:64).

E ainda acrescenta Ireland:

"...não é tão óbvio e o conceito de alfabetização que uma experiência escolar alternativa possa vir a praticar. (...) por mais elástico que o conceito de alfabetização possa ser, elegemos, para a prática da Escola Zé Pêgo, o entendimento de que os trabalhadores-alunos aprendessem a ler/escrever textos." (Ireland, 1993:64).

Um outro aspecto que é importante salientar é que a grande maioria dos

trabalhadores já passaram pela experiência da escola formal, em geral fracassada pelas condições econômicas discriminatórias, postas pela escola regular. Podemos atestar isso

na fala seguinte:

"Eu estudei noutra escola de sete a quatorze ano, mais menino não me interesssei muito, fi até a metade do quarto ano, aí parei, aí tô estudano aqui de novo, mai de quatorze pra quarenta, fai um bucado de tempo né, vinte e seis ano né, aí fai de conta que eu nunca estudei, comecei, aqui, pode dizê do zero." (Antônio, 40, servente).

No que se refere ao curto espaço de tempo que os trabalhadores passaram

na escola formal anteriormente, Gonsalves faz as seguintes considerações, quando de sua pesquisa em relação ao significado da escola para os trabalhadores da construção

civil na cidade de João Pessoa:

"A exclusão do trabalhador à escolarização aparece no seu discurso e as razões desse processo vêm relacionadas, inicialmente, a partir de uma certa cumplicidade entre a condição de pobreza dos trabalhadores e o conjunto de condições sociais negadoras das facilidades de escolarização, e denunciadoras de políticas públicas de educação, principalmente no campo." (Gonsalves, 1996:64).

Estudando o acesso das classes populares à escola, Cunha atesta que

existe uma escolarização desigual e tem como uma de suas conclusões que:

"Os setores de mais baixa renda da sociedade brasileira têm menos chances de entrar na escola; quando entram, o fazem mais tardiamente e em escola de mais baixa qualidade. Isso faz com que seu desempenho seja mais baixo e, em consequência, sejam reprovados mais frequentemente." (Cunha, 1978:169).

Gonsalves, fazendo alusão à 'ascensão social restrita', faz as seguintes

considerações:

"Se por um lado, coube historicamente às classes médias a luta pela democratização do ensino, pois suas aspirações estavam voltadas para a ocupação de cargos e funções que exigiam um certo grau de escolaridade; por outro lado, restou às classes populares uma indiferença frente às questões educacionais, já que o discurso liberal se antecipa às suas aspirações." (Gonsalves, 1996:80).

Num estudo realizado por Escarião (1996), sobre o significado da educação escolar e trabalho a partir das representações sociais dos estudantes-trabalhadores da cidade de João Pessoa, esta autora concluiu como síntese de sua pesquisa sobre as representações da escola para esses estudantes-trabalhadores que:

"a escola desenvolve uma proposta pedagógica centrada nos princípios de autoritarismo e na fragmentação do conhecimento. É seletiva, excludente e vincula-se à realidade do trabalho de modo conservador, reforçando a concepção do conhecimento como produto acabado e não como um processo em construção e reconstrução permanentes. (...) Porém, por sua natureza contraditória, a escola tem dupla função apesar de colocar-se ao lado do capital e do grupo dominante. Se, por um lado, reforça a sociedade desigual e excludente, por outro, configura-se como espaço legítimo para a luta pela superação dessas desigualdades, cada vez maiores, tanto em relação às condições de existência quanto no que concerne ao acesso, ao conhecimento, à cultura, à tecnologia." (Escarião, 1996, 168-169).

Como podemos observar nas conclusões das pesquisas citadas, de uma maneira geral, a escola tem uma importância para os trabalhadores-alunos. Voltando o nosso olhar para a Escola ZP, podemos afirmar também que esta Escola tem uma importância significativa para esses trabalhadores-alunos, e que, apesar de todas as contradições da sociedade de classes, na qual estão inseridos, mesmo não tendo uma nítida imagem sobre os conflitos que são inerentes a essa Escola, ainda assim, os trabalhadores tendem a valorizar o saber posto pela mesma. Em seu estudo crítico sobre a economia da educação capitalista, Rossi (1978) concluiu que, no que se refere à escola numa perspectiva de transformação, dentro desse sistema.

Em uma pesquisa realizada por Campos, onde o mesmo aborda a luta dos trabalhadores pela escola vinculada aos movimentos sociais e às lutas mais abrangentes como habitação, saúde, etc, o mesmo percebe a escola dentro de um movimento

"A escolarização elementar passou a ser uma entre outras condições para sobreviver na lógica da sociedade capitalista. (...) a escola é um desses instrumentos, daí que os trabalhadores não separam a luta pela escola de outras lutas por ruas, calçamentos, ômbus." (Arroyo, 1989:89).

coloca a importância dessa escola para os trabalhadores:

Ainda se referindo à luta pela escolarização dentro da sociedade, Arroyo

"não existe muita expectativa de que os novos conhecimentos adquiridos na escola vão redundar em melhoramento na qualidade material de vida - melhores salários ou na mudança de profissão para um setor econômico 'mais nobre'." (Ireland, 1996:39).

evidenciadas por Ireland:

Evidenciamos também que os trabalhadores veem na escola uma possibilidade de mobilidade social, mesmo considerando que o fato da ascensão da-se dentro do próprio espectro do trabalho manual. Em outras palavras, não existe ilusão da parte desse trabalhador de ser um trabalhador que irá superar a sua condição de classe, na perspectiva de um trabalho intelectualizado. Essas conclusões também são

"O esforço conscientizador-libertador no seio da escola capitalista passa a ter assim o sentido extraordinário de detonar o processo contraditório de sua superação. A atividade educacional libertadora se Enriquece, valoriza-se. O questionamento da realidade, que implica em não tomá-la por imutável, leva à valorização dessa educação, ou melhor, de uma verdadeira anti-educação ou de uma educação anti-capitalista." (Rossi, 1978:152).

contraditório, numa sociedade que, por ser predominantemente capitalista, faz parte da própria lógica do capital, que discrimina e exclui a grande maioria dos trabalhadores da escola. Dessa maneira:

"A luta por educação constitui um 'afluente' de um movimento mais amplo. (...) Deixa claro, por sua vez, que as condições coletivas de vida têm um papel fundamental na exclusão sistêmica dos trabalhadores da escola." (Campos, 1989:165).

Outra representação sobre a *Escola Zé Pedro* (4) está relacionada a aprender. A Escola ZP é vista pelos trabalhadores-alunos como o espaço onde se aprende(4). Vejamos algumas falas:

"você vai querê, acho que uma coisa, um negócio novo dentro de você que quer conhecê, então, é eu acho que é aquilo, que tem aqui dentro da, da Escola, aquela vontade certo, eu não sei qui todo sente assim como eu, porque eu acho qui pra mim é assim. Eu quando não venho pra aula não sei nem o que dizê, eu fico pensativo, assim, porque eu perdi aquele dia de aula, se eu não vim, não fico pensando, como seria se eu tivesse aqui, então, é isso que eu, eu acho que sim, eu acho que é uma coisa assim, coisa forte. (...) Acho que tem uma co... um neg... um, um, uma parte da gente que, da gente, um raciocínio em mim que falta eu conhecê certo assim, vamos dizê assim que tem alguma carreira pa gente seguir, mais se eu não procura, se eu não procura seguir aquela, aquela, aquela parte ali que tá, tá me puxano pa mim seguir aquela carreira eu nunca vou encontrar, então eu acho que é isso, é isso que me incentivava a mim vim pa Escola." (José Roberto, 24, servente).

"no seu setor de trabalho, as vei, pra quem é pedreiro, as vei, então, que é, fazê uma, uma metragem, então, não sabe como fazer uma metragem, então ele aprendeu a Matemática, então, por aquela Matemática que ele aprendeu lá, então vai servir pra ele, na sua, no seu trabalho, então ai que dividia, fazer alguma divisão de algum, de algum, de alguma parede tal, que dizê, então,

Essas colocações apenas vêm confirmar a importância da escola como espaço de aprender o saber teórico, que o capital nega ao trabalhador, ou então lhe restringe, e os cede de acordo com os seus interesses, ou seja, os interesses da produção. Podemos dizer que a pesquisa de Kuenzer vem nos respaldar, no sentido de que o trabalhador da construção civil também valoriza o saber escolar.

"percebendo que o seu saber se originou da prática, tendo consciência de sua própria competência na execução da tarefa e criticando o saber teórico como insuficiente para o aprendizado do trabalho, reconhecem a importância da aquisição desse saber, e a escola como local em que isto ocorre," (Kuenzer, 1989:145).

O sentido de aprender aí tem um significado fortíssimo na vida desses operários, à medida que entendemos que a Escola ZP possibilita-lhes aprender, possivelmente, um método de conhecimento que não é qualquer método, mas é o método científico, uma maneira organizada, digamos, uma metodologia que intertrina nos seus trabalhos, nas suas formas de pensar, nas suas formas de fazer. Em uma pesquisa realizada por Kuenzer para detectar como a fábrica capitalista educa o trabalhador, esta pesquisadora pôde concluir que os trabalhadores reconhecem a importância do saber teórico para as suas vidas, embora também reconheçam que privilegiavam bem mais o saber prático como sendo o que os garante o aprendizado dentro do processo de trabalho, mas, mesmo assim, os trabalhadores dessa fábrica:

aquele Matemática vai servir, aquilo que ele aprendeu, e se não tivesse a Escola? Como é que ele aprenderia, é, já saber naquela hora fazê aquela, u, usar a Matemática?" (Severino, 26, pedreiro).

Oliveira, analisando as relações escola-trabalho dentro da indústria da construção civil, afirma que, apesar da ciência ser força produtiva, ainda assim, existem contradições de uma escola no espaço do trabalho, dentro de um canteiro de obras. Nesse sentido, Oliveira conclui:

"Nestas circunstâncias, a produção cede espaço empírico para a escola - uma escola onde, por todos os lados, há a presença da produção: livros, cadernos, abacos disputam lugar com pilhas de tijolos, madeira, ferro, entulhos da produção." (Oliveira, 1992:41).

Portanto, temos a compreensão de que o espaço da escola é um espaço de contradição, mas, sem sombra de dúvida, é reconhecidamente valorizado pelo operário da construção civil, que foi precocemente expropriado do saber escolar, não por vontade própria, mas pelas condições gerais de existência de suas vidas.

No fator 2, lado negativo, nós temos que a Escola ZP também significa mais especificamente **aprender(4)**. No fator 1, lado positivo, a Escola esta representada na figura do **professor(4)**, que teve bastante visibilidade nesse contexto. Atestamos isto em alguns depoimentos:

"É a Escola, é a Escola, que eu estudo nela, pra mim é uma coisa muito boa né, escrevo, aprender escrever, lê, contar, aquilo que eu não sei né, e tô aprendendo né, o professor se interessa muito por nós também, ali, por isso que eu acho bom né, maravilhoso mesmo a Escola," (Cícero, 37, cozinheiro).

"Olha é, aprende a lê né, lê e escrever né, é isso aí qui é mais importante, mais interessa pra gente né, em ter mais, ter maior um certo conhecimento porque hoje, você sabe se a gente num, a pessoa que não sabe lê como diz o popular no mundo aí é cego, né, e, tá um certo nome ali, é pá quem fuma, perigo fumar", que dizê, o caba não sabe, então, tá lá o risco pá acender até um fósforo ali termina incendiando alguma coisa, morreno, que dizê, porque não

Supomos que existe uma identidade do trabalhador-aluno da construção civil, com o trabalhador migrante da pesquisa de Gomes. Ambos são discriminados, sem escolarização, nordestinos e pobres. Como disse o próprio trabalhador-aluno da Escola Zé Peão, "*a pessoa que não sabe lê como diz o popular no mundo aí é cego*". Pois para este trabalhador-aluno, implica que não saber ler é não ter conhecimento, portanto, é ser 'cego'. O que possibilitaria tirar-lhe deste estado de 'invalidez', de ser 'cego', o que lhe permitiria uma oportunidade, entendemos ser a Escola ZP. A Escola ZP aí surge como possibilidade de lhe tirar desta cegueira permanente e propõe abrir os horizontes, clarear a sua visão, o que implicitamente poderia ser traduzido como sendo forjar-lhe uma consciência do aprender, uma consciência de ser consciente. A Escola é a antítese da cegueira, ou seja, a luz que clarearia a sua consciência para aprender a ler e escrever, dito de outra forma, a possibilidade de superação dessa cegueira.

"A falta de conhecimento (saber/educação/conscientização), tratada abundantemente através de imagens, explicita a carga afetiva mobilizada pelo tema. A cegueira leva esta mobilização ao nível mais alto pois com ela o espaço vazio deixa de estar no exterior do indivíduo para lhe ser intrinsecamente constitutivo." (Gomes, 1987:110-111).

Fica muito claro para nós o real significado do indivíduo que convive dentro da sociedade e não sabe ler. Recorrendo mais uma vez a Gomes, em seu trabalho sobre o significado da educação para migrantes de retorno a Pernambuco, onde ela afirma:

sabe aquele nome ali, o que é que significa aquele nome ali, por quê? Porque não sabe, não aprendeu nada, então uma Escola Zé Peão, é uma oportunidade." (Severino, 26, pedreiro).

Mesmo considerando esses aspectos da passagem do professor pela Escola ZP, ainda assim, ele se constitui como elemento potencializador do processo ensino-aprendizagem, uma vez que é identificado e confundido com o próprio sentido de escola para os trabalhadores-alunos. Aqui, também podemos evidenciar o fato de que o professor é visto como sendo agente do sindicato. O professor tem uma dupla imagem, como agente educador, e como agente político, desta forma, ocupando um espaço interposto entre o aluno e o sindicato. Não é por acaso que no gráfico as representações relativas ao *Professor* (6), *Parão* (8) e *Não-trabalho* (2)

"Para a maioria, a Escola Zé Peão, é a sua primeira experiência como professor-alfabetizador de adultos. Nesse sentido ela é um espaço de formação e experimentação e não deve deixar de ser, embora tenha que assumir os riscos implícitos nesta opção" (Ireland, 1996:38).

O professor, nessa experiência, entra como um elemento extremamente dinâmico no sentido de que ele também sofre as intempéries que estão nos limites da própria Escola, à medida que é um sujeito do processo que também exerce uma rotatividade como educador de adultos:

"E a professora aqui ensina bonzinho, a professora aqui é ótima, todas professoras do sindicato, ela é ótima, tem gente aqui que ainda tá cubrindo, esses novatos que entraram ainda tá cubrindo, ma a professora aqui elas ensina bonzin, ensina do jeito que a gente que e a gente pede." (Antônio Henrique, 50, vigia).

No que se refere ainda ao professor, o mesmo é visto como elemento preponderante nesse processo, orientador, facilitador, articulador de todo o processo, que está a favor do trabalhador-aluno. Vejamos uma fala:

encontram-se articuladas, o que vai caracterizar a imagem do professor como sendo de

uma certa maneira contraditória.

Temos ainda, relativo ao estímulo *Escola Ze Pêgo* (4), a representação da

Escola posta na palavra **ensina**(4). Podemos observar fragmentos de falas dos

trabalhadores-alunos sobre isso:

"É claro que aqui tem muita poeira. Ai, suja as carteira, mais em termo de professora, e de ensino pra mim, é de boa qualidade. (...) Quando eu fo fazê um serviço, por exemplo, vou fazê uma casa, se eu subê dividi, eu do a quantia dos tijolo que ela vai pega, né, por exemplo, o cara di: Antonio, eu tô com vontade de fazê uma casa, você vai fazê aquela minha casa? eu digo eu vou, ai o cara as veze até sabe mai pu experiência as vêi se eu sei ou não, di uma casa de dez metro pega quantos tijolo, uma casa de, qui pegava cinco milheiro de tijolo pega quanto milheiro de telha, né e se eu não subê dividi eu não sei responde, ai o cara di: Antonio não sabe fazê nada não que ele não sabe, não sabe nem dizê comê que começa, come que ele sabe fazê, e o, e o ensino, já dedica a gente, fazê isso ai, por exemplo, Antonio voce, uma casa de cinco mil tijolo pega quantos milheiro de telha, dois mil e quinhentas telha, né, quando de o começo da, do serviço o cabda di ele sabe fazê mermo, entendeu, e pelo ensino a gente pega e fai o serviço, e num subê de nada," (Antonio, 40, servente).

"A Escola tá bom, tá bastante mermo de bom, porque, ela explica dereitinho, ensina direito, e, a pessoa tem capacidade de, de aprendê por interesse da pessoa." (Antonio, 29, pedreiro).

Apesar das condições desfavoráveis das salas de aulas nos canteiros de obras e desse aprendizado se configurar para o trabalhador-aluno, dentro de uma visão individualista, como ele próprio diz, "*de aprendê por interesse da pessoa*", como se esse aprendizado não dependesse de outros fatores exógenos ao processo, mesmo assim, existe um consenso entre os trabalhadores-alunos de que a *Escola Ze Pêgo* ensina e

permite ao trabalhador-aluno compreender com mais facilidade os seus processos no

trabalho, como também, na convivência social de uma maneira geral.

O estímulo *Escola Zé Pedro* (4) também é visto pelos operários como a representação de um **projeto**(4), o qual podemos interpretar como sendo um instrumento do sindicato. Quando eles falam em projeto, em geral, eles vinculam a imagem do sindicato. As falas comprovam que a Escola é de forma sintomática percebida pelo aluno como sendo um Projeto do sindicato:

"No Projeto que trabalha, que vem ajudando sempre né, os trabalhado também né, tem muito que trabalhava no sindicato, eu não conheço né, qui as vei eles ajuda ter a Escola, eles foru buscar o Projeto pa ensinar o trabalhado né, estuda, tudo foi o Projeto Zé Pedro, que trove isso prn trabalhado, tirano da Escola Zé Pedro não tem nem outro Projeto que trouxe prn trabalhado não, aié agora só foi o Projeto Zé Pedro." (José Antônio, 28, servente).

"Aquele cuidado né, que o sindicati, é, lançou esse Projeto ai, então, a partir do momento que ele lançou esse Projeto, então, ele viu que, é, então da pa nós vé que ele tome cuidado para com o pessoal para, tá atento, tá sabendo das coisa de tudo né, também é um, é em outro importante também né, no caso aquele cuidado que eles, que eles tem né, de vé né." (Severino, 26, pedreiro).

Na verdade, não podemos esconder que o sindicato tem um papel preponderante no que concerne à existência dessa Escola. Fica muito difícil para o trabalhador descolar a imagem da Escola do sindicato, uma vez que essa Escola, inequivocamente, é produto da luta desse sindicato para garantir uma educação básica para os trabalhadores, que, sem esta possibilidade, talvez, não tivessem mais nenhuma oportunidade de entrar numa escola.

Podemos considerar, então, que em resumo, ao que já dissemos sobre as representações que os trabalhadores têm sobre a *Escola Zé Pedro* (4), é que elas têm uma

natureza extremamente diversificada, e ao mesmo tempo contraditória. Entendemos que, por concorrer com a categoria trabalho, que está sempre presente na vida desses sujeitos, o discurso, muitas vezes, separa a Escola do trabalho e, às vezes, confunde-se com o próprio trabalho. Vemos isto na fala seguinte:

"logo do começo que eu comecei a estudar, certo, foi aquilo que eu, vamos dizer assim, eu não aprendi tanto assim o, até hoje, porque antes, quando eu tava começando a aprender mais alguma coisa, então, tinha trabalho que eu tive que para, trabalha no interior é o seguinte, então, tinha qui," (José Roberto, 24, servente).

Noutro momento, para os trabalhadores-alunos, a *Escola Zé Pedro* (4) é trabalho, é sacrifício, é sofrimento. Podemos atestar isso no próprio discurso dos operários:

"Pra mim é um, o ensino, pra mim, é como se eu tivesse um trabalho que eu não gosto de perde dia de aula, como não gosto de perde um dia de trabalho, então, eu tenho vontade de aprendê, não perdo nenhum dia pra vê se, eu aprendo pelo menos escreve melho que eu não sei escreve, nem sei lê, nem sei nada aí, por isso eu me interesso todos os dia, e o seguinte..., pra mim significa como se fosse quase como uma obrigação de eu vim pra aula todos os dia. (...) Sobre a Escola nesse momento eu gostaria de dizer pra o sr., e sempre digo a meus parceiros que não deve perder dia de aula, porque aula a gente tem como se fosse um trabalho, outra, a gente só aprende a força de vontade, também, respeitando, tratano bem a professora que ela mereçe," (Antônio, 40, servente).

"não é tão fácil o estudo não, e a cabeça, a materia dói, no estudo a materia dói, quem estuda que bate cá cabeça na materia, aí aqui dói, tomei remédio mode a cabeça, eu digo: mais eu vou aprende nada não, eles tudo mangano aqui, todo mundo mangano," (Antônio Henrique, 50, vigia).

Mas também a escola desperta curiosidade, ensina o dever, é rica em conhecimento, em novidades, propõe um método, é criativa, é auto-estima para os alunos, é cada dia colocar um tijolinho a mais na escala do conhecimento, que para eles é tão valorizado, pelo fato de muitos não terem tido oportunidade quando mais jovens, ou seja, quando criança e adolescente. É a possibilidade de construir um indivíduo auto-consciente, inserido no mundo dos letrados, um trabalhador que se reconhece com uma nova identidade, como, a seguir, este trabalhador-aluno demonstra em sua fala, pelo nível de ansiedade em que expõe e se redefine enquanto um trabalhador que já galgou o patamar inicial da alfabetização, saindo da condição de analfabeto:

"Embora a escola não seja fisicamente exigente da mesma forma que o trabalho na obra, também exige do operário-aluno. O esforço intelectual é uma atividade que precisa de treino e exercício. Reclamar que o ato de aprender as vezes faz a 'cabeça doer' é bastante comum em experiências de educação de adultos." (Ireland, 1996:38).

Também Ireland recoloca a questão na perspectiva dos trabalhadores-alunos da construção civil, considerando a dura realidade dessa indústria para o trabalhador-aluno, fazendo as seguintes considerações:

"Deve-se convencer que o estudo é também um trabalho, e muito fatigante, com um trocínio particular próprio, não só muscular-nervoso mas intelectual: é um processo de adaptação, é um hábito adquirido com esforço, aborrecimento e mesmo sofrimento." (Gramsci, 1982:138-139).

E bem verdade que Gramsci já tinha anunciado o sentido de uma experiência intelectual, ou seja, o que significava em termos de esforço, desprendimento, se comparado ao trabalho humano, como ele próprio afirmou:

Aqui, podemos também destacar o esforço de participar da Escola, em contraposição ao trabalho. Muitas vezes, a Escola vem ocupar o espaço do tempo livre, o tempo do próprio descanso do operário. Evidenciamos, aqui, algumas falas, que se contrapõem e colocam em polos distintos a escola e o trabalho:

"Acima de tudo, a escola representa uma contribuição para o soerguimento da auto-estima e da dignidade do trabalhador, para o fortalecimento de sua identidade num coletivo de operários e como cidadão que tem nome e não mais o dedo sujo de tinta." (Ireland, 1996:40)

Num certo sentido, podemos compreender essa situação como sendo a construção de um novo sujeito, que passa a ser reconhecido no mundo dos letrados, pelo reconhecimento do mesmo na sociedade. Aí o trabalhador se reconhece e reconhece o outro dentro de uma nova inserção, cujo elemento mediador, no novo mundo ao qual antes não tinha acesso, podemos considerar ser a escrita, como elemento que marca e diferencia os indivíduos nessa sociedade. Ireland destaca o que representa a Escola ZP e essa nova inserção do trabalhador-aluno:

"eu acho que eu assinano o nome, só assinano o meu nome com as coisinha que eu sei, eu acho que eu já só, alguma coisa né, já quero, ser alguma coisa, (...), já, tem nojo de quem bota o dedo, chego na caixa mermo, aí chego lá o caba, bota o dedo puxa assim olho assim, qui nem o juiz puxó, puxó no dia da votação, puxó assim pá bula o dedo, eu digo: eu não boto o dedo dotó, ele dixé oxên, aí pego á aí de, mai rapai, nãsfabeto, assina aqui pên vé, ele num cunfió, ele num cunfió assina, ele dixé assim, assine esse papel branco aí que você, aí eu assinéi ele dixé assim, rapai e essa catera e esse nãsfabeto, eu digo dotó, eu aprendi dotó, no sindicato de João Pessoa, na Escola Zé Pinhão, ele ficou a pegó ri dixé, bateu dixé, vá fundo cora, gostei de vé, gostei de vé, (...)." (Antônio Henrique, 50, vigia).

Nesses termos, Kuenzer levanta as seguintes considerações: "Os mecanismos de controle do saber sobre o trabalho se constituem em uma das formas pelas quais o capital produz a incompetência técnica e política do operário, como condição essencial para sua exploração." (Kuenzer, 1989:164). O trabalho é entendido, aqui, como um processo reducionista, um objeto, numa perspectiva a-histórica, desmembrado do conhecimento, descolado do saber escolar, de um trabalho que pode ser produzido abstratamente, cuja "interiorização vai estruturando uma percepção de trabalho ou representação de trabalho que se iguala, à ocupação, emprego, função, tarefa, dentro de um mercado (de trabalho)." (Frigotto, 1989:14).

Percebe-se mais uma vez nessa fala, o distanciamento que o trabalhador estabelece entre escola e trabalho. Na nossa sociedade capitalista é perfeitamente possível de se entender essa dicotomia, à medida que, ao capital interessa um saber específico que o trabalhador detém dentro do próprio processo produtivo, ou seja, um saber prático ao seu trabalho, produzindo um trabalhador dividido, alienado da concepção do trabalho que executa.

"E, a Escola, a gente, estuda nela mai não tem capacidade de, de aprendê muitas coisa, porque a gente trabalha o dia, chega a hora de dormir já tá muito cansado, a leitura só é, mai desenvolve mais a gente nesses pessoal que trabalha num serviço, muito, um pouco mais manero né, qui a pessoa possa sair da aula, pode estudar em casa mermo, quando ele não sabe pergunta a alguém, qui tenha pa ensinã na hora, também se num tivê ele vai quebrar o juízo por conta dele, aí pra mim mermo a Escola, adianta mai um pouco." (Antônio, 29, pedreiro).

3.6. - As representações do trabalho e do não-trabalho

A concentração e, ao mesmo tempo, a diversificação de respostas ao estímulo *Trabalho(1)* são reveladoras da necessidade de se compreender o fenômeno das representações sociais sobre a Escola ZP, a partir das condições históricas da vida dos trabalhadores-alunos, que, antes de serem alunos dessa Escola, estavam há muito tempo, inseridos na racionalidade da produção da indústria da construção civil. Suas representações sobre a Escola ZP não estão distanciadas das representações outras, das suas vidas, onde o trabalho ocupa uma posição de centralidade, passando aos seus cotidianos.

Para a grande maioria, aquele trabalho como, eles próprios designaram, representa o sacrifício de ganhar a vida, é a condição mínima para ganhar o *pão(1)* de cada dia, como eles mesmos enfatizavam nos seus discursos:

"trabaiu é um modo de arruma pão, mode sobrevive, cria a família da gente, adquirir uma casa. É bom, sem trabaiu não veve. É cansativo, porque todo mundo que trabaiu se cansa. Só de quem a gente pode arruma é do trabaiu mermo." (Antônio, 40, servente).

"o trabai para mim é muito importante, porque sem o trabai, a gente vive em dificuldade. A pessoa tem o trabai, tem tudo porque tem a manutenção da família. (...) Trabaiamo lá bom, lá produzino alguma coisa. Se todo mundo trabaiasse, o país seria óio." (Severino, 26, pedreiro).

Ao se referirem ao trabalho enquanto condição de sobrevivência, os trabalhadores-alunos o relacionam de maneira inconsciente ao conceito de trabalho definido por Marx, quando ele diz que o trabalho é:

O trabalho aí está na razão direta que permite a reposição das energias

vitais para reproduzir o capital, no limiar de suas vidas enquanto seres humanos. Nesse sentido, o imediatismo em que o trabalhador submete-se ao trabalho, enquanto

necessidade primordial de sua vida, está aí representado pelo pão(1). Melhor dizendo, o

trabalho enquanto possibilidade primordial de sobreviver para saciar as necessidades

vitais do ser humano. Não existe aí uma perspectiva de futuro, mas apenas uma

possibilidade de que com o trabalho, esse trabalhador rompa o desafio, que para ele é

manter-se vivo. Portanto, o trabalho como pão(1), nessa representação, é o fundamento

primeiro de sua vida, sem o que seria antecipar a morte desses sujeitos.

Fica explicitado, nos discursos dos operários, um certo antagonismo nas

respostas dadas aos estímulos, o que poderíamos, dentro de uma escala de

positividade/negatividade, entendermos como sendo inerente à própria lógica da vida

dos operários. Isso acontece com a categoria trabalho, que é vista tanto como um

elemento de composição de suas vidas, no sentido positivo, ao mesmo tempo em que o

trabalho também é um elemento de degradação desses sujeitos, como trabalhadores

assalariados que vendem a sua força de trabalho, e eles próprios se tornam uma

mercadoria, alienado-se ao produto do seu trabalho. No que se refere ao trabalho dentro

desse processo de alienação do trabalhador, Frigotto afirma que:

"Um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, regula e controla seu metabolismo com a natureza. (...) Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza exterior a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza." (Marx, 1985:149).

Portanto, o trabalho aí se constitui como um elemento ontológico, no sentido de garantir um eterno devir do homem, de sua realização como ser que transforma e é transformado por este mundo material, concreto, real, mas, ao mesmo tempo, contraditoriamente, se constitui como **cansativo**(1) para os trabalhadores, porque os espolia, os estilhaça enquanto ser, enquanto integridade físico-moral. Produz nesse homem um sofrimento físico, fragiliza o seu corpo e sua mente, enquanto trabalho

"o trabalho funda a civilização ocidental, que comanda todo planeta. Confunde-se a tal ponto com ela que, ao mesmo tempo em que se volatiliza, seu enraizamento, sua evidência jamais são postos em causa, menos ainda sua necessidade. Não é ele que, em princípio, rege toda distribuição e, portanto, toda sobrevivência?" (Forrester, 1997:7).

Fazendo algumas considerações sobre a problemática do trabalho na sociedade ocidental, Forrester concebe o trabalho como elemento definidor desta civilização, dando-lhe uma magnitude planetária:

"Porque era ná, o trabai, sempre o trabalho é bom né porque, aqui em João Pessoa, sempre, todo mundo trabalha aqui do interior, ajuda muito as firma aqui em João Pessoa né," (José Antônio, 28, servente).

No entanto, na sua dimensão de positividade, trabalho é uma coisa boa(1), como também, garante as suas **sobrevivências**(1). Podemos perceber isso na fala seguinte:

"O problema situa-se, então, na luta pela dissolução do caráter de mercadoria que assume a força de trabalho e o conjunto de relações sociais no interior do capitalismo e, consequentemente, na abolição das fronteiras entre trabalho manual e intelectual." (Frigotto, 1989:23).

repetitivo e dominado, brutalizando-o. Nessa perspectiva, ao trabalho é conferida uma dimensão de negatividade, conforme pode se observar nos discursos abaixo:

"O trabai é uma coisa muito cansativa, muito difícil, passar o dia todin trabaiano e de noite ter que estuda ainda, é muito difícil também" (Antônio, 29, pedreiro).

"Eu acho que seria um trabai assim, um trabai fechado, um trabai assim como, eu acho assim (risos), assim, desculpe até a palavra se eu falo isso mai como um anima sabe, vivê só pru trabai mermo, só de dia trabaiado de noite durmi, de dia trabaiado de noite durmi." (José Roberto, 24, servente).

De comum acordo com as falas dos entrevistados, o trabalho articula a vida desses sujeitos em todas as suas esferas e níveis; na família(1) como no próprio ambiente de trabalho, trabalho aí entendido como forma de se exercitar manualmente, de produzir uma tarefa, de um trabalho de natureza manual, este entendido na sua forma mais materializada, paupável.

Existe uma relação muito forte do trabalhador com a sua família, melhor dizendo, do trabalho com a família. Várias vezes, os trabalhadores-alunos fizeram referências às suas famílias, no sentido de que o trabalho propicia o sustento das mesmas. Eles também trabalham em razão delas; evidenciamos isso na fala seguinte:

"mai só qui eu não consigo leva a leitura à frente, porque tenho quatro filho, me perdido com a mulê em casa, cum meu filho, como trabaiha e arruma um bucado, a gente trabaiha em construção, mais cum a faz de uma hora pra ôta o dono dizê, vai embora, (...), maisê chega, o final de semana, a gente tem que viajá pru interior, quando chega em casa, ai vai se preocupar, com a família, se tivê um doente, a pessoa se preocupa, se tivê, uma coisa endividada, que o dinheiro não dá, a gente tem que se preocupa, e então, a gente tira da mente, da mente, porque, quando a pessoa é solteiro, a pessoa não tem com

Dessa maneira, como dizem os próprios operários, em essência, o trabalho representa **tudo(1)**. Acreditamos que aqui, o trabalho representando **tudo(1)**, deverá ser compreendido como uma necessidade humana previamente, antes de qualquer intencionalidade. O trabalho aí forja, mais uma vez, uma perspectiva ontológica de ser no/com o mundo. Vemos o trabalho nessa relação como possibilidade de dignificá-lo, de permitir a sua integridade no mundo, num âmbito totalizador da vida desses operários. Sem o trabalho os trabalhadores-alunos não são *nada*, que é o contrário de **tudo(1)**, o trabalho é o verdadeiro sentido de suas vidas. Nessa concepção, Rossi, em seu estudo já citado anteriormente, relaciona a escola com o trabalho, dando a este

"O centro da relação ativa do homem com o seu ambiente natural e social, de sua praxis, é o trabalho. Entretanto, o trabalho é o elemento distintivo do gênero humano: o que o constitui como espécie, a diferença de outros animais - do ponto de vista de todo gênero, filogenese - e o que faz de cada homem um membro da espécie já dada, do ponto de vista do indivíduo, ontogenese. No trabalho, o homem não somente da forma a natureza que o rodeia, como também da forma a si mesmo, individual e coletivamente" (Fernández Enguita, 1993:13).

Como podemos verificar, a família está no inconsciente/consciente dos trabalhadores-alunos. Na esfera do trabalho aflora a família, como um dos elementos que baliza as suas vidas. Ela transita na esfera do trabalho, do individual ao coletivo, onde existe uma relação direta da vida no trabalho, com a vida privada desses sujeitos, que nos lembra da conceitualização de Fernández Enguita sobre o trabalho:

que se preocupa tanto, mas quando a pessoa já é casado, a preocupação, a responsabilidade já é outra." (Antônio, 29, pedreiro).

Trabalho(1) e educação(1). Ai, afirma-se a tese do trabalho como

Um outro sentido exposto foram as representações do estímulo

"O primeiro ato histórico é, a produção dos meios que permitem a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos." (Marx & Engels, 1986:39).

se reportam à história:

uma vez encontrar em Marx e Engels, como precursores teóricos dessa posição, quando ilétrados. Podemos identificá-lo como sendo uma necessidade primeira, que vamos mais materiais objetivas de existência, no qual está submerso em grande parte, o mundo dos *liberdade*; O trabalho aí nada mais é do que uma imposição gerada pelas condições *reino da necessidade*, não tiveram as condições de estar inseridos no *reino da* faz sentido, desde que se perceba que esses operários ainda se encontram submetidos ao estímulo *Trabalho(1)* ainda é representado como uma *necessidade(1)*,

"Entre outras experiências educacionais que enriquecem humana em sua integralidade, que não se perde apenas em sua dimensão individual, mas realiza-se na grandeza de seu ser social, enquanto humanidade, necessariamente e a um tempo, igualitária e livre. Esse humanismo educacional não se pode compor integralmente, se não se embasar na ação fundamental do homem: o trabalho." (Rossi, 1978:152).

do homem. Vejamos esta fala:

último, um caráter de centralidade, ou seja, o trabalho como elemento fundante da vida

princípio educativo. O homem educa-se dentro do processo de trabalho, ainda que de

uma forma bastante precária. Na visão de Oliveira:

"O fazer, o ver fazer, a obediência à lógica da empresa, a oralidade, o saber prático são as pilstras dessa educabilidade - um processo, portanto, que cultiva a intelectualidade, o avanço técnico do conhecimento do trabalhador em níveis dosados segundo as necessidades da atividade produtiva imediata da obra. O trabalho aí educa na linha estreita da necessidade do capital. Educa formando homens pequenos, divididos, limitadamente práticos no fazer e no conhecer." (Oliveira, 1992:44).

O trabalho aí seria uma escola da prática, ou seja, do aprender fazendo, exercitando-se. É a própria experiência da sua vida, como indivíduo comum que não teve as possibilidades de aprender de forma mais sistemática, numa elaboração de um conhecimento sistematizado, de um conhecimento científico. Este homem aí foi construído no trabalho, aí se educa o homem prático, na medida certa que o capital permite para se reproduzir.

O trabalho constitui-se o *leit-motiv* de todo seu aprendizado ao longo de suas vidas, e aí em alguns momentos, percebe-se a Escola Zé Peão como um elemento facilitador de um processo mais sistematizado do saber, que lhes garante um método, que lhes possibilita um caminho de como fazer da forma mais correta, que lhes garantirá uma melhor racionalização do trabalho, que lhes propõe uma articulação do conhecimento elaborado com o trabalho. Podemos perceber isso na fala seguinte:

"A Escola, tem feito a gente, a gente aprende um bucado de coisa, por exemplo, eu não sabia quase de nada, não sabia certo senta um tijolo, um, um, um negócio, bate um prego isso, aquilo óio, sabia mas não assim do modo reto sabe, então, aqui o tipo de área aparece muitos, muitas folha indicando aquilo que a gente tem qui fazê, o que não

A representação do estímulo *Trabalho* (1) ainda é tida como

importante(1) para a grande maioria dos trabalhadores-alunos estando próxima a **boa(1)**. Compreendemos que o trabalho aí é uma coisa **boa(1)**, no sentido de conferir-

lhes uma identidade, que em sua grande maioria, por serem considerados indivíduos "desqualificados" pela sociedade, principalmente o caso dos serventes, dentro do próprio processo produtivo, onde há uma hierarquia a partir das suas qualificações.

Mesmo assim, trabalhar é o elemento diferencial, ou seja, constrói vínculos, cria um reconhecimento dentro da sociedade como trabalhador, que é uma coisa **boa(1)**, dar um status mínimo de dignidade, cria uma identidade coletiva no trabalhador, enquanto sujeito reconhecido dentro da sociedade, diferencia os que trabalham para ganhar o pão dos que "não querem trabalhar", dos "vagabundos", dos "marginais", dos "preguiçosos", conforme exprimem nas suas falas:

" Não trabada é não fazê nada, é só dormir e pensa em fazê coisa errada, pega em coisa alheia, não ter responsabilidade, é um preguiçoso." (José Antônio, 28 servente).

" Não trabada é ruim, você precisa de um dinheiro, fica mufino, desacostuma com o selvíço." (Antônio Henrique, 50, vigia).

" É vive olhamo a vida dos óio, é vive sem fazê nada, é vive cheirano cola, é vive só em casa olhamo a vida do óio. Da minha parte eu nunca fago não, sempre gosto de trabada." (Severino, 26, pedreiro).

" Não trabada é preguiça, é uma coisa difícil, não funciona, o homem tem que trabada, tem que se manter, pensu qui vou passa necessidade cum a minha família." (José Roberto, 24, servente).

fazê, então, eu acho que eles criam assim." (José Roberto, 24, servente).

Assim, na visão dos trabalhadores, o homem que trabalha é respeitado, tem identidade profissional. O que denota e caracteriza o estímulo *Trabalho(1)*, aí, representado por *boa(1)*, como um elemento emblemático de positividade. O trabalho, aí, cria uma identidade de indivíduo que perante a sociedade trabalha. Dessa forma, criando uma polarização, no sentido de distância-lo de outras identidades, que poderiam soar como negativas e que não lhes garantiriam um certo status nessa sociedade dual. Isso fica evidenciado quando comparamos a representação do trabalho em *boa(1)*, com as representações do *Não-trabalho(2)*, em *marginal(2)*, *droga(2)*, *assaltar(2)* e *desocupado(2)*. Temos ainda na representação do *Não-trabalho(2)*, em *nternada(2)*, próxima a *nsernada(3)*, *trabalho(1)* e *pão(1)*.

Os trabalhadores-alunos têm uma imagem extremamente negativa do indivíduo que não trabalha na sociedade, postas aqui, nas representações sobre o *Não-trabalho(2)*. Percebe-se na representação *nternada(2)* uma contraposição às representações sobre o *Trabalho(1)*, que estão materializadas em *pão(1)* e *trabalho(1)*.

Percebe-se, também, que existe um certo antagonismo entre as representações *desocupado(2)* e *nterbalh(2)*. As mesmas estão em lados opostos, o que denota que o trabalhadores-alunos fazem uma sutil diferença entre ser um indivíduo desocupado na sociedade e um indivíduo que não trabalha. O desocupado seria o que é marginalizado, enquanto que o que não trabalha, esse não trabalha porque tem condições de viver sem trabalhar e que necessariamente não é marginalizado. As representações do *Não-trabalho(2)* são bem mais fortes entre os profissionais dessa indústria.

Vendo o trabalho como um elemento de positividade que esta representado por *boa(1)*, atestamos isso na fala seguinte:

"Trabalhei onze moage naquela usina. Quando ela tava pra moê não precisava nem fala minha vaga né, quando ela tava pra moê eu chegava lá o mestre, falava pode, pode entra Antoin sua vaga tá em ordi. Trabalhei onze moage, tem na minha carteira ali. Trabalhei sei na Santiana, parei na Santiana um dia, dia vinte e sei de Janeiro de noventa e quatro. Ai comecei ali, nesse, condomínio Manaira trabalhei lá um ano e sete mei, parei, fui pra casa passei um dia parado voltei, tô com, vou completa agora no dia dez eu completei um ano, e nove mei de novo." (Antônio, 40, servente).

3.7. - As representações da escola formal: a outra escola

Produzindo um efeito contrário, no fator 2, lado negativo, temos uma nuvem de representações formada pelas palavras *governo(5)*, *diferente(5)*, *aprender(3)*. Próximo a estas representações, no fator 1, lado positivo, encontramos *não-trabalhar(2)*.

Aqui, tem-se a representação do estímulo *Outra escola(5)* que está representada por ser *governo(5)* e ser *diferente(5)*. Na nossa compreensão, o elemento diferenciador entre essas duas escolas, ou seja, a escola formal e a Escola Zé Peão, é determinado por alguns fatores: para os trabalhadores-alunos da Escola ZP, a escola formal é uma instituição reconhecida na sociedade. Para os trabalhadores-alunos, estudar numa escola formal significa também não trabalhar, ou seja, ou estuda na escola formal, ou trabalha na obra. Significa também ter acesso a um conhecimento diferenciado do conhecimento prático do trabalhador. Estudar na escola formal tem, também, o significado de a esse aluno ser creditado um status, enquanto possibilidade de acesso a esta escola. Os trabalhadores-alunos também diferenciavam a escola formal da

Escola ZP, pelo fato de a escola formal ser uma instituição que se paga. Vejamos os

depoimentos:

"significa melhor porque, por exemplo, se eu pago a escola, vamo dizê assim, a escola num colégio, né, não se trata como uma escola dessa, pelo, só pelas carteira, se as pessoa, fô olhá, pelas carteira o camarada di: essa escola é muito fraquinha, porque eu duvido que uma pessoa, tem gente até que ignora, fulano tá estudano ali né isso mermo, mai rapai tu estuda aonde, eu posso estuda onde tive estudano eu digo eu estudo lá, agora não significa que ela num, não tenha apresentação, porque aqui não tem apresentação, o caba não acredita qui isso é uma escola porque passa ali, como é, quem é que vai dizê qui aqui é uma escola né, aqui é um condomínio, né, então." (Antônio, 40, servente).

"na Escola Zê Pêdo, noi vamu conseguir le mai, trabalhano na Escola Zê Pêdo noi vamu conseguir, chega lá noira Escola melhor, quem não sabe, le muito pouco, quem tá conseguino pode chega lá." (José Antônio, 24, servente).

Temos também no fator 2, lado positivo, a representação da *Outra escola*

(5), como sendo representada por locus(5), próximo a importante(4). Sobre o locus da

Escola ZP, pronunciavam-se os trabalhadores-alunos:

"a escola ensina muito bem, eu então, pra mim significa, uma boa escola. Boa qualidade por causa as veze até do cantero qui num, num dá um espaço melho, porque vamu dizê assim um bucado de aluno estudano num cantero desse a gente chega nessas carteira, as veze, porque tannu dentu da construção né, ai a carteira tá toda suja, você pode passa a mão assim que a carteira fica assim o, todo sujo ó, mais, em crasse de ensino, em termo de ensino, vem seno uma boa Escola pra gente, não significa aonde ela seje né. Importante é ter o ensino legal como a gente pensa de ter e tem. (...) Quando a gente na carteira que a gente passa a mão assim ói, chega fica grossa de, de, de, de, de poeira, que dizê que no caso, da escola se, dentu de um, um apartamento em construção, né, chei de poeira, né, até se o aluno vê bem vestido pouco mai ele sai todo

sujo, só tem poesia na escola, então, se ela fosse outra escola, digamos, seja uma outra casa né, já pronta, de, de, já toda prontinha sem ter essa poesia, então, tinha outra qualidade pra Escola, pra professora e pra o aluno né, não de estudo que o estudo tanto faz, tanto faz a professora ensinar num outro canto como ensinar, aqui, entendeu, mais não é nem toda professora que quer vim ensinar, num local desse, tem que ser uma professora que também tenha boa vontade de ensinar, entendeu, e ser muito interessada pelos aluno e pelo seu próprio trabalho." (Antônio, 40, sergente).

Na nossa análise, existe um duplo discurso do trabalhador-aluno, com relação ao espaço físico da Escola ZP. Ora ele vê esse espaço como fator de positividade, ora ele coloca em xeque a qualidade do ensino da Escola ZP, como sendo um fator que está, num certo sentido, determinado pelo espaço físico dessa Escola. Poderíamos concluir que o discurso desse trabalhador-aluno da Escola, em relação ao seu locus, é um discurso ambíguo e contraditório.

3.8. - As representações do estudo

Nas representações de *Estudar* (3), encontramos *ensinada*(3), que está no fator 2, lado positivo. Essa representação está próxima das representações *nternada*(2), *pão*(1) e *trabalho*(1).

Compreendemos que para o trabalhador-aluno *ensinada*(3) tem uma relação muito próxima com não ter conhecimento. Podemos perceber isso neste depoimento seguinte:

O trabalhador compreende que quem estuda aprende, e, portanto, desenvolve-se. A

Encontramos também **aprender(3)** que se refere ao estímulo *Estudar(3)*.

que também, por sua vez, implica em não enxergar. socialmente. Portanto, existe relação entre '*não saber nada*' com não ter conhecimento, qualquer tipo de conhecimento, mas sim, um conhecimento elaborado, reconhecido coisa nessa sociedade. Podemos entender como sendo ter o conhecimento. Porém, não *saber nada*, ou seja, o pressuposto de ser alguma coisa na sociedade seria saber alguma coisa, que para o trabalhador-aluno, '*não ser nada*', tem uma relação intrínseca com '*não* alguma coisa seria, então, saber alguma coisa. As suas colocações nos levam a acreditar, como ele diz, "*é muito ruim a pessoa vê e não enxerga*". É que a condição para ser escrita. Enxergar para esse trabalhador-aluno transcende a ter apenas a visão normal, decodificar o código escrito, ter discernimento sobre as letras, ter o conhecimento da apenas ver a "realidade"; para ele, significa numa primeira instância, ter leitura, saber faz essa diferenciação. Nesse sentido, para esse trabalhador-aluno enxergar vai além de de compreensão da realidade, na qual o trabalhador-aluno consegue discernir, quando metáfora para diferenciar o sujeito que vê mas não enxerga. Destacamos, aqui, o nível Podemos observar que o trabalhador-aluno constrói uma belíssima

"hoje em dia quem não sabe de nada, vê, come que se di,
vê mas não enxerga né, é muito ruim a pessoa vê e não
enxerga, porque se eu tô vendo isso aqui, que dizê se eu tô
vendo essas letra aqui, mas se eu num subê lê, eu tô vendo
mai não tô enxergando, né, e se eu, do jeito que eu tô vendo
grças a Deus, se eu subê lê, eu tô enxergando deretinho.
Um irmão manda uma carta pra mim, né aí eu não vou
mando os óto lê, se tivê alguma coisa que ninguém possa
sabe, vai sabê primeiro do que eu, né, e é importante que
eu me interesse a aprende, porque eu mermo vou sabê,
dalguma coisa que vem pra mim." (Antônio, 40, servente).

Escola permite o desenvolvimento do trabalhador a partir do momento que ele aprende,

vemos isso na fala seguinte:

"Porque a gente vem do, do interior, tem muito que não aprende mai, ai fica mai faci pa ele, ir devolverno num, sabe lê," (José Antônio, 28, servente).

Podemos perceber também a dicotomia entre *Estudar* (3) e *Não-*

trabalhar (2). O trabalhador tem o entendimento de que *Não-trabalhar* (2) representa a

ociosidade. Sendo assim, sobreria tempo para o estudo. O que realmente faz sentido, se

formos buscar a origem da escola antes mesmo da sociedade moderna. Veremos que, ai

já estava implícita uma divisão técnica do trabalho. A sociedade construiu o mito dos

que nasceram para estudar, contrapondo-se ao mito dos que nasceram para trabalhar.

"A palavra escola em grego significa o lugar do ócio. Portanto, a escola era o lugar a que tinha acesso as classes ociosas. A classe dominante, a classe dos proprietários, tinha uma educação diferenciada que era a educação escolar. Por contraposição, a educação geral, a educação da maioria era o próprio trabalho: o povo se educava no próprio processo de trabalho. Era o aprender fazendo. *Aprendia lidando com a realidade. Aprendia agindo sobre a matéria, transformando-a*" (Saviani, 1994:152-153).

Aqui já se percebe também uma visão muito fragmentada entre trabalho e

escola, onde um exclui o outro. Para o trabalhador, o *não-trabalhar*(2) é entendido

como sendo ter tempo para *aprender*(3), portanto, deduzimos que, na sua concepção,

quem não trabalha, aprende. O *Aprender*(3) assume um sentido de ociosidade. A

Escola é vista como exterior à classe operária, como um elemento estranho à vida do

trabalhador. Por outro lado, o trabalhador também faz uma articulação da Escola ZP

com o seu trabalho. Para esse trabalhador-aluno, o aprender real dá-se no cotidiano de sua prática do dia-a-dia, do seu fazer diário nos cantos de obras. Como podemos

observar nestas próximas falas:

"através do estudo né, pode é é, um, pode, ter um certo conhecimento dentro da obra né, através do estudo né, então, você aprende, você tá estudando, então, você aprendeu uma, uma coisa, qui vai servir pra você dentro da construção civil, então, a construção civil sem, sem Escola num, num pode, não deveria existir né, tem que existir mesmo Escola né, pra, para o pessoal." (Severino, 26, pedreiro).

"o que eu tô aprendendo na aula, porque eu já, eu aprendo como na, dentro da aula né, aprendo lá, aprendo escreve e dentro da construção aprendi se prevenir quer dize, a bem de, de segurança essas coisa óia, então, aqui tudo, é, de tudo tem um pouco dentro do Projeto eu acho qui, é isso que a gente tem qui vê, eu acho qui sim." (José Roberto, 24, servente).

No fator 2, lado negativo, um pouco mais embaixo, encontramos as representações **aprender(3)**, **conhecer(3)**, **aprender(4)** e **aprender(1)**, referentes aos estímulos *Trabalho(1)*, *Esudar(3)* e *Escola Zé Peão(4)*. Nota-se, aí, uma boa estatística para **aprender(3)** e **conhecer(3)**, ao mesmo tempo em que, tais representações estão muito próximas umas das outras, o que poderíamos traduzir, num sentido próprio, mais uma vez, o trabalhador tem uma necessidade de ter acesso ao conhecimento elaborado.

Deduzimos também que o estímulo *Esudar(3)*, na representação de **aprender(3)** e o estímulo *Escola Zé Peão(4)*, na representação de **aprender(4)**, têm significados convergentes. Temos também a representação do estímulo *Esudar(3)* como **conhecer(3)**. Destacamos, aqui, a representação do estímulo

Trabalho(1) como sendo aprender(1). Verificamos que o trabalhador-aluno compreende o trabalho como um aprendizado. Podemos observar isso na fala seguinte:

"porque a gente trabalha, trabalha em produção, então, a gente faz aquela base, aquela média, pra gente sabe realmente quanto foi que a gente produziu, durante a tarde a gente que sabe é quanto é que deu, quanto foi que a gente ganhou, vai sabe naquele outro dia e se trabalha mai vai sabe se realmente ganhou mai, então, é a gente aprendeu, então é, somar, diminuir, então, mais, então, ai a gente aprendeu, então, no momento que a gente faz aquele trabalho, então, a gente passa é, a me... a medição e a gente calcula quan... quanto deu né, então, foi através de quê? Através da Escola." (Severino, 26, pedreiro).

Nesse campo representacional não existe contradição, à medida que estes estímulos convergem e se homogeneizam na perspectiva do aprender, não qualquer tipo de aprendizado, mas um aprendizado sistêmico, reconhecido socialmente, o qual a Escola Zé Peão oferece a seus trabalhadores-alunos.

Ainda no fator 2, lado negativo, encontramos a representação de

Estudar(3) posta na palavra *locomoção(3)* e *dia-a-dia(3)*. No que se refere à representação de *Estudar(3)*, expressa por *dia-a-dia(3)*, compreendemos, ai, que estudar para esse trabalhador-aluno confunde-se com o próprio ambiente de trabalho. Portanto, o *Estudar(3)* significa o cotidiano, que está muito próximo, do dia-a-dia do trabalho. Não por acaso, essas representações estão muito próximas uma da outra na configuração do gráfico.

Com relação à representação do estímulo *Estudar(3)*, posta na palavra *Locomoção(3)*, podemos perceber ai uma mudança que se deu na vida do operário da construção civil dentro da cidade, a partir do momento em que a Escola ZP possibilitou a esse operário a se locomover, ocupar o espaço da cidade. Num primeiro momento,

realmente a escola teve problemas com os trabalhadores-alunos, no que se refere às suas limitações e aos seus impedimentos de se locomoverem de uns canteiros para outros, onde existiam salas de aula da Escola.

Já a partir de um certo tempo para cá (uns três anos atrás), que caracterizamos como sendo um segundo momento da Escola, o problema da locomoção dos operários, num certo sentido, secundarizou-se. Vê-se, neste momento, o fato de os operários começarem a construir as suas redes de relações com os seus pares e com os outros grupos sociais - o crescimento da confiança, da facilidade de se locomover dentro da cidade caracterizam-se como sendo um pouco da urbanização do operário da construção civil, reconhecendo-se dentro da cidade, reconhecendo os outros, apoderando-se da cidade, espaço que o operário não tinha antes.

Esta implícita, agora, a possibilidade de construção de mais uma nova identidade, a identidade de ser um trabalhador-aluno que lhe garante uma certa autonomia, e que passa a ser reconhecido de um certo modo por onde o trabalhador-aluno transita. Nesse aspecto, a escola permitiu ao operário redimensionar o seu espaço físico de uma forma autônoma, ampliando a sua capacidade de trânsito dentro do espaço urbano. Podemos verificar isso nas seguintes falas:

"já sei pegar o oinbu que eu pegava o oinbu errado, peguei muitas vei Cabedelo errado, de pegar o (...) peguei Cabedelo passando e agora já pegar o oinbu tudo, pá mim é muito importante, essa Escola Zê Peão." (...), a Escola Zê Peão, é muito importante porque, eu agora sei o nome de casa, ia dá o endereço de uma casa e não sabia, o nome de uma rua eu não sabia, e agora eu já sei o nome de uma rua, o nome de uma casa, pega um oinbu eu pegava, peguei o oinbu muito errado, eu pegava cabede, eu só pegava Cabedelo mode a faxxa, e agora sei pega o 511, sei pega o 1500, pá oitizero, sei pega todo transporte." (Antônio Henrique, 50, vigia).

"Trata bem, respeta, se o camarada não sabe, o destino que vai, ele sabe o nome, ele não pega um ômbu errado, num segue um destino errado, né, se ele vai procura uma rua que ele queira ir, digamos, seje eu, von procura esse condomínio, né, aí na frente ele tem o nome, Palladium, mas se eu não sei eu passo direto, né, e se eu sei eu não pergunto a ninguém, né, tô no ponto do, do ômbu pra vim pra qui, é o Tambau-Bessa, se eu num sube o nome, num sube esc..., num sube lê, então, von té qui pergunta, às veze até uma pessoa, pode até ensinar um ômbu, errado, né, que hoje em dia tem gente que ensinar até o ômbu errado." (Antônio, 40, servente).

Sobre o aspecto do espaço urbano para o trabalhador, e em específico, o espaço da escola, Arroyo (1986) confere a esse um significado importante:

"A classe trabalhadora que constrói a cidade é excluída de muito mais do que do saber sistematizado. É excluída do espaço para a convivência, solidariedade, lazer, cultura. É isolada do espaço do trabalho, do transporte para o trabalho e da recuperação das forças para voltar ao trabalho. Como nos dizia um operário: 'Passo o meu tempo no trabalho, indo e voltando para o trabalho, dormindo para tornar ao trabalho.' A escola como espaço social tem de ter uma função básica: ser o espaço sócio-cultural que o mundo do trabalho e a cidade negam ao trabalhador." (Arroyo, 1991:50).

3.9. - As representações do aluno

No fator 2, lado negativo, afastada um pouco, temos a representação correspondente ao estímulo *Aluno(7)*, consubstanciada na palavra *desenvolve(7)*. No campo das representações anteriores, temos a perspectiva de aprender como elemento unificador das representações daquele campo. Podemos fazer uma ligação daquele

campo, onde os trabalhadores aprendem com o trabalho e com a Escola, com essa representação do *Aluno(7)*, simbolizada na palavra *desenvolve(7)*. Portanto, liga-se aquele campo, também, a possibilidade desses sujeitos, a partir desse aprendizado se desenvolverem. Esta proximidade entre aprender e desenvolver não é por acaso. Nesse contexto o aluno se desenvolve, como eles próprios dizem, se tornam '*desenvolado*', que aqui caberia no significado literal da palavra desenvolver, como nos seus depoimentos:

"o dia que ele tivê, uma folga de, sem ser de trabalhá, ele tem de continua estudano novamente prunqê, se ele quer aprendê ele tem que levá, o estudo certo, todas hora que ele tivê sem fazê nada ele tem que pegá aquele livro e tem que desarriná aquelas palavra, aquelas palavra pra, sabê o qui, o faz..., o que diz aquelas palavras, porque se ele não subê, ele fica, pensativo o dia todo, imaginano, o que que vai dizê aquela palavra, e se ele já conheçê as letra ele, desenvolve maí faci aquelas palavra. E por isso que eu digo qui o estudo sempre ajuda mais porque, a gente qui somo do interior temo qui estuda mais ainda porque, na capital mermo, qui nem aqui em João Pessoa, a maior parte da construção é tudo grande, e então a gente qui, somo profissional e que levá a profissão pra frente tem qui estuda bastante, porque quanto maí estuda maí, desarrina maí as coisa, ele se desenvolve maí ligero." (Antônio, 29, pedreiro).

"aconteceu essa coisa de bom que foi essa Escola do Projeto Zê Peão qui colocou nos cantero pá gente se desenvolver mais, então, eu acho qui, tá bom mesmo, tá o negócio que foi, bom pá todo mundo, pá todos os, os opararu da obra, seja quem fo, mestre ou o encarregado seja quem fo, qualquer um que queira estuda, como aqui mermo, aqui mermo já veio um mestre estuda qui, a maioria dos aluno ficava olhando assim pra ele como é que um mestre pode estuda que ele, ele tem cabeça pá buda uma obra pá subi." (Cícero, 37, cozinheiro).

Para os trabalhadores, estudar é bom porque *desenvolve(7)* a sua capacidade como ser humano, como pessoa, a ter um entendimento melhor da vida. E lidar com as outras pessoas, como também significa a possibilidade de ascender no

trabalho, galgar uma função melhor dentro da empresa, mudar de vida, mesmo não extrapolando a sua condição de trabalhador manual. Aprender é fator de desenvolvimento, portanto, de crescimento para o trabalhador.

É interessante observar também que na visão que o trabalhador-aluno tem sobre o conhecimento, num certo sentido, predomina uma visão estática. Isso fica evidente na fala anterior, quando o mesmo coloca a sensação de estranheza e perplexidade que o trabalhador tem, quando o mestre ou encarregado se propõe a estudar na Escola ZP, denotando, então, uma concepção de conhecimento acabado, dando-se a entender que o mestre já sabe tudo, é o senhor do conhecimento, portanto, não precisaria mais estudar numa escola formal.

No fator I, lado negativo, existe uma representação do estímulo *Aluno(7)* que está posta no *coletivo(7)*. Percebemos, aí, que o trabalhador transfere para o coletivo dos trabalhadores-alunos a sua representação sobre o aluno. Em outras palavras, o aluno vê-se dentro do coletivo, tendo esse coletivo uma relação muito próxima com a Escola Zé Peão. A Escola ZP está no inconsciente coletivo dessa categoria. E, pela sua trajetória histórica, tem-se consubstanciado emblematicamente com o nome Zé Peão. Esse nome Zé Peão encontra-se de uma maneira bastante forte nessa categoria, dessa indústria, trazendo um sentido profundo de coletividade. A Escola, além de permitir uma maior socialização do espaço do canteiro, tornou os indivíduos mais solidários, mais próximos, mais socializados, mais humanizados. Podemos também perceber este sentido de coletividade em algumas falas de trabalhadores-alunos da Escola:

"um dia a pessoa pode te chegar a ser uma pessoa que já ensina ao olho, prunquê, tem gente qui acha qui a leitura, só serve pra ele né, mai deixa qui a gente tem de repartir

Com relação ao fator 1, lado negativo, podemos observar um agrupamento de palavras ajudar(8), ótimo(8), conversa(8), satista(6), marginal(2), interesse(7), droga(2) em resposta aos estímulos, Não-trabalho(2), Professor(6), Aluno(7) e Pai(8).

3.10. - As representações do padrão

Ainda com relação ao estímulo Aluno(7), nesse mesmo fator, lado negativo, encontramos a representação *nbagunça*(7). No fator 2, lado positivo, encontramos também, referente ao estímulo Aluno(7), a representação *boa*(7), próxima à *amizade*(7). Sintomaticamente, podemos afirmar que essas representações estão próximas umas das outras. Na verdade, todas as representações sobre o Aluno(7), nos levam a crer que o mesmo faz de si uma imagem bastante positiva.

"outro ali já acha diferente, ôto já acha de ôto modo, entã, eu não posso fazê nada porque eu só sei de mim, agora, se os outro entende diferente, do modo dele que ele, ele aprende do jeito dele eu aprendo do meu, eu acho que seja isto, agora, claro que eu vou comparilhã com o companheiro se eu tiver trabalhano dentro da construção, se eu tiver trabalhano com ele claro que vou orienta ele, você vai, fazê desse jeito ou fazê daquele ôto pá não se machuca e tô ali com ele se eu puder eu tô ali com ele." (José Roberto, 24, servente).

com quem não sabe, não é só a gente estuda, e só quere pra ele, se a pessoa tem uma pessoa qui tá muita interessira a estuda e o ôto não sabe, a gente tem qui ensinã o ôto, dizê rapazi esse nome pega tá letra, e a pessoa porque sabe vai se se orgulhar." (Antônio, 40, servente).

No que se refere ao estímulo *Parcão*(8), onde temos representadas as palavras *ótimo*(8) e *ajudar*(8) e um pouco mais afastada *conversa*(8), na forma como estão localizadas próximo a *marginal*(2), *satisfa*(6), *interesse*(7) e *droga*(2), no nosso entendimento, o patrão, pelas condições materiais que possui, tem uma imagem construída pelo operário. A sua imagem seria a imagem do sujeito que teria facilidade para conseguir o que quisesse, se comparado ao operário, pelas condições de desigualdade postas no trabalho, facilidade expressa dentro de uma "ordem" do modelo societário.

Na verdade o que existe são interesses diferenciados e distintos, entre patrão e trabalhador, ou seja, que não são comuns. No caso do patrão, esses interesses, atendem em última instância ao próprio patrão, que está de acordo com a racionalidade do capital, que dita as regras do jogo das relações de trabalho, em cujo arcabouço ético de ser *ótimo*(8), *ajudar*(8) e *conversar*(8) supomos que apenas aparentemente, não é uma contradição:

"você tá trabalhando, ele passa acha que passou por um cachorro seja como fô, é como um tipo de animal, se a pessoa não sai da frente ele passa por cima né, não todos mais eles, são assim, sabendo que lá atrás pode precisar da gente, seja de mim, seja de qualquer um óio, eles num, num devia fazer isso, agora óios sim, óios já, já reconhece que sabe que a gente também é gente, então, passa, fala isso, aquilo óio, então, esses eu acho que ele tem um, um senso de humor diferente daquele outro qui, mermo tendo, quase o mesmo nível daquela, certo daquela, óio, óio, igual a ele mais, eu acho qui ele já pensa diferente, então, eu acho qui esse que pensa diferente assim dum modo, eventual assim dizê assim, se chegá num canto você tá trabalhando se ele não dá atenção, ele acha qui, só ele pode vive, os óio não, não pode ser assim, ele devia para pá pensa qui a gente também é gente, não só eles, porque se ele, se ele veve eu acho qui é por causa da gente, então, é aquilo a gente precisa dum outro né, dum tipo ou de outro mai precisa

apenas o operário enquanto elemento descartável neste processo como um todo. possibilidades de investir no operariado, deixando de ser aquela mentalidade de ver hoje, a mentalidade do empresariado já se dá também em nível das proposições, grandes civil, tem havido mudanças significativas nas relações de trabalho. Percebemos que, Essa contradição também nos leva a crer que, na indústria da construção

noutro momento, o operário duvida da bondade do patrão. ou seja, que podemos traduzir como uma pessoa que ajuda, que conversa, que é ótima, um determinado momento, o patrão é visto como uma pessoa que tem '*senso de humor*', forma consensual, mas dentro de uma contradição da fala do próprio operário, onde em Entendemos também que as representações não estão definidas de uma

concretas de trabalho, produz-se aí uma reação inversa ao sentido real das palavras discurso existe uma intencionalidade de produzir um efeito massagador nas relações quando se refere a esta mão de obra expoliada pelo capital. Provavelmente, nesse de preconceitos, num invólucro de arrogância, de prepotência, de bem-estar do patrão avulhada, aparentemente igualitária, em que "uma mão lava a outra", mas impregnado contrário do trabalhador. O patrão tenta esconder-se para o operário de uma forma **conversar(8)** endereçadas ao patrão, presumivelmente, está implícito um sentimento Em essência, no real sentido destas palavras elogiosas de **ótimo(8)**, **ajudar(8)** e armadilhas nas quais esta envolta toda uma trama ideológica que perpassa as mesmas. Na verdade, supomos que essas representações estão impregnadas de

dum outro pa ser ajudado, porque se a gente não faz pra ele, também ele não vai ter, eu acho que é isso. (...) que ele não liga, não liga com, com o operário sabe, sabe, o que eles querem mesmo é só o trabalho, se você tá trabalhano só fazeno o serviço deles," (José Roberto, 24, servente).

subestimando a sua capacidade de enfrentamento, por conseguinte, subjugando-se à exploração enquanto indivíduo e enquanto classe. Não por acaso, temos a representação do estímulo *Patrão* (8), objetivada na representação da palavra **respeito**(8). O patrão é visto como indivíduo que impõe respeito. Isso é dito pelos próprios trabalhadores na sua representação sobre o patrão.

Trata-se, portanto, na verdade, de uma posição de classe por parte do patrão, e não de uma posição individual, dentro de um processo que se dá historicamente, em cuja argamassa está soldada a ideologia dominante entre as classes, para que, ao operário, não transpareça a contradição fundamental que está na relação do seu trabalho versus seu salário, nas condições objetivas de existência. Fazendo referências à questão da ideologia e as representações sociais, Guareschi faz a seguinte reflexão:

"Ideologia é o uso de formas simbólicas para criar ou manter relações de dominação. E dominação é uma relação assimétrica e desigual de apropriação de capacidades (poderes) de outros. As formas simbólicas, dentro deste entendimento, não são ideológicas em si mesmas. Transformam-se em ideologias quando são empregadas para criar ou manter relações de dominação, isto é, relações de expropriação de poder. Desse modo, as RS, por serem formas simbólicas elas também, podem tornar-se ideológicas, mas não necessariamente. (Guareschi, 1996:28)